

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

**O PENSAMENTO MODERNO E A EDUCAÇÃO: A LINGUAGEM NA
MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO¹
THE MODERN THOUGHT AND THE EDUCATION: THE LANGUAGE IN
KNOWLEDGE MEDIATION**

**Catia Roberta De Souza Schernn², Patrícia Feiten Pinto³, Neide Marlene
Traesel⁴**

¹ Pesquisa realizada na disciplina de Paradigmas do Conhecimento, no programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências-UNIJUI

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências UNIJUI. E-mail: catiaschernn@hotmail.com

³ Graduada em psicologia pela URI-Santo Ângelo. E-mail: patriciafeiten93@gmail.com

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências UNIJUI. E-mail: neidetraesel@gmail.com

INTRODUÇÃO

Fazer referência ao tempo moderno, à razão, à racionalidade e ao conhecimento como se sempre tivessem existido da maneira que hoje conhecemos, ou de que jamais seria diferente a compreensão acerca desses temas, é um modo recorrente de se tratar desses assuntos estreitamente correlacionados na história da humanidade. Contudo, o moderno não se expressa apenas como uma mudança cronológica em uma história concluída em unidade fechada, mas como uma novidade que se abre para outro horizonte de futuro em todas as dimensões humanas (MARQUES, 1993).

A partir do movimento moderno, o modo de operar com o conhecimento passou da exterioridade ontológica do ser enquanto objeto do conhecimento, para a interioridade do ser que conhece a partir de si mesmo, da sua própria autoconsciência. (MARQUES, 1993).

Não obstante, vivemos num tempo interpretado como pós-modernidade, e ainda assim, os “efeitos” inaugurados pelo pensamento moderno e dos pensadores renascentistas recaem sobre nós e sobre nossas ações.

Nesse contexto, para o presente trabalho, nos dedicaremos ao debate educacional, especificamente sobre o modo da escola operar com o saber e do acesso ao conhecimento, tendo a linguagem como mediadora de significados no processo de ensino e de aprendizagem. Com isso, o objetivo deste trabalho é compreender como aspectos do pensamento moderno, que estão relacionados ao acesso do saber pelo uso da linguagem como mediadora do conhecimento, deixaram suas marcas no contexto da educação.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, onde foram selecionados textos estudados durante o desenvolvimento da disciplina de Paradigmas do Conhecimento, oferecida no PPG de

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências da UNIJUI no decorrer do primeiro semestre de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paradigma Moderno e suas repercussões para o conhecimento

Tomada a célebre frase de Descartes “cogito, ergo sum” (penso logo existo) citada no livro “Discurso do Método”, e considerando o método cartesiano de compreender o pensamento e a razão, percebe-se que na modernidade essa concepção torna-se inerente à apreensão do conhecimento, bem como via de acesso à verdade nela mesma.

Conforme Fensterseifer (2001), o que é conhecido como pensamento moderno desenvolveu-se no século XVII, e que tem como principal característica a confiança otimista na razão, no qual se buscava alcançar um conhecimento pautado por valores mensuráveis. A força unificadora da razão do sujeito epistêmico era a construção de um método para ordenar o mundo.

O sujeito moderno orienta o seu conhecimento através de um método racional que tem a pretensão de desvelar toda a verdade das coisas, manipulando-as e objetivando-as, entrando em contato com a sua mais pura forma.

O homem moderno coloca-se acima da natureza e a sua onipotência é o que funda toda a verdade. Esse sujeito e seus “óculos” (método) só percebem os fenômenos que podem ser analisados e comprovados através de seus métodos passíveis de uma redução matemática, da construção de um saber seguro e inabalável, capaz de desvelar as leis da natureza como condição de domínio desta (FENSTERSEIFER, 2001).

De acordo com Marques (1994), no paradigma moderno o mundo reduz-se a especialidades fragmentadas de todo o contexto histórico, fechando-se cada uma para si. O resultado desse quadro é uma redução do próprio conhecimento, que se torna uma mera justaposição de especialidades autossuficientes.

Com isso, o movimento da modernidade é um debruçar-se sobre o objeto, mensurando-o e conferindo-lhe toda a sua objetividade. O objeto fica passível de uma apropriação estática, a-histórica.

A linguagem na mediação do conhecimento moderno

No paradigma moderno, da subjetividade, a linguagem assume um lugar secundário na construção do modelo de racionalidade. A questão central numa concepção de racionalidade é o critério a partir do qual se define/corriga o que se entende por verdade, correção, enfim, legítimo como conhecimento. No caso desse modelo, o sujeito teria que perguntar a si mesmo se não cometeu nenhum deslize de pensamento, se infringiu alguma regra na “condução do seu espírito”, se fez jus à sua faculdade de razão. Nesse modo de proceder, portanto, como expressou Descartes, o sujeito pode ter certeza até sem recorrer à linguagem. Nesse paradigma, portanto, a linguagem é usada para transmitir o conhecimento que foi legitimado pelo sujeito autorreferente.

A linguagem, para Marques (1993), sempre esteve presente e acompanha as comunidades humanas desde sua existência: “ter linguagem significa ter mundo”. Com isso, ela está relacionada com a capacidade humana da comunicação, da necessidade fundamental na vida em sociedade e do estabelecimento de regras básicas inerentes ao sujeito que domina o mundo ao falar uma

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

língua.

Fundamentalmente, a linguagem então é tomada como fenômeno crucial da vida humana em sociedade. No entanto, isso nem sempre foi pensado dessa forma.

Como foi visto anteriormente, o conhecimento pautado pelo pensamento moderno é visto como algo passível de mensuração, onde se percebe o conhecimento de uma forma objetiva na busca de uma verdade. Logo, a mediação do conhecimento através da linguagem não é percebida como forma de produzir verdades.

Na modernidade, há uma fragmentação do conhecimento e a consequência disso é que as coisas se tornam incomunicáveis entre si. A eficácia da comunicação e da palavra são substituídas por comportamentos padronizados e por uma única opinião predominante, sem diálogo, reduzindo-se a fragmentos desarticulados (MARQUES, 1994).

Essa redução e onipotência do sujeito acabam por produzir efeitos nas construções mediativas do conhecimento, já que a verdade está ali comprovada e mensurada e não precisa da linguagem para confirmar a sua validade.

Então, o pensamento moderno, que teve como base as teorias racionalistas de Descartes, fundante do paradigma da consciência individual, não focou na questão da linguagem e das relações humanas como forma de construção do conhecimento.

Marques (1993) articula essa concepção da modernidade voltada para o ensino. Segundo o autor, o ensino seria caracterizado pela justaposição de disciplinas autossuficientes, nas quais o conhecimento é reduzido em fragmentos fechados e incomunicáveis com outros saberes. O resultado disso é a aprendizagem mediada por uma intervenção no ensino tácita, onde quanto menos intervir através da linguagem melhor.

Complementando isso, percebe-se o conhecimento como algo baseado em unidades quantificáveis, isoláveis e identificáveis, sem qualquer ambiguidade e sem aberturas para a interseção da multiplicidade de interpretações mediadas pela linguagem (MARQUES, 1993).

Nesse sentido, o pensamento moderno traz diversas implicações para compreender os processos educacionais, os quais encontram-se imersos nas formas de pensar de uma determinada época.

Através das construções teóricas estudadas, percebe-se que existem diversas críticas acerca da modernidade e a principal questão que está em jogo é que sem a linguagem, torna-se difícil de produzir, transmitir e validar o conhecimento. Nesse contexto, a educação, principalmente na ação do professor, ainda carrega muitas marcas características do pensamento moderno, caracterizado pelo uso da linguagem como mero instrumento de passar alguma informação. Para Boufleuer e Dellafavera (2016, p. 741), de que o professor, ao exercer a sua profissão competentemente precisa não só fazer uso da linguagem, mas principalmente entender como o seu uso afeta as relações dos sujeitos envolvidos no processo educativo e, ainda, refletir sobre o seu papel de mediador para poder ensinar de fato, já que a linguagem não é transparente e permite que o aluno atribua diversos significados àquilo que é dito e/ou lido em sala de aula.

Embora a linguagem não seja um instrumento de descoberta do conhecimento, o que se dá através do intelecto e da experiência, sem a linguagem não haveria comunicação e, por conseguinte, não haveria difusão do conhecimento. Então, parte-se do princípio de que as pessoas precisam se entender umas com as outras acerca do que possa significar o fato de conhecer e dominar objetos (BOUFLEUER, 1997).

A reconstrução da modernidade só se pode realizar como reconstrução do saber humano na passagem do paradigma da autoconsciência individual em direção a novo paradigma centrado no

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

medium universal da linguagem. A educação, nesse sentido, assume o papel ativo de aprendizagem proporcionando espaço para pessoas e grupos trocarem experiências através do diálogo (MARQUES, 1993).

Para Marques (1993), no paradigma da comunicação, desautoriza-se o sujeito a definir de forma autônoma, e por si só, o que é legítimo em termos de conhecimento, uma vez que esse conhecimento sempre se refere, e só faz sentido, se for um conhecimento referente a um mundo compartilhado, passível de ser simbolizado, ou seja, expresso em linguagem. Assim, é preciso prestar contas do conhecimento junto a uma comunidade linguística, como que se medindo com os outros. Com isso, obviamente, a linguagem assume uma importância constitutiva do conhecimento, um lugar central no processo de sua legitimação.

Em contrapartida, na esteira do paradigma moderno, o professor já não precisaria propriamente do aval do aluno para o conhecimento ministrado, uma vez que ele independe de processos de entendimento. Com isso, a linguagem que ele vai usar assume o caráter de um instrumento de comunicação, um instrumento de passar alguma informação sobre a qual já não pesa qualquer dúvida.

Assim, no paradigma da comunicação, apresentação do próprio conhecimento, já que é fruto de entendimento linguístico, requer a construção de um com as percepções dos alunos, numa busca de significação do conhecimento para o aluno. Conforme Boufleuer e Dellafavera (2016, p.733) “a linguagem como “expressão do pensamento” resulta do entendimento de que o indivíduo representa o mundo por meio da linguagem, tendo esta a função de refletir o pensamento e, conseqüentemente, seu conhecimento do mundo”. Ou desse modo, a indicação de motivos ou razões de modo que esse aluno possa vir a compreender a legitimidade desse conhecimento sob o seu horizonte de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa análise, percebe-se que a principal questão que está em jogo no pensamento moderno é uma concepção cartesiana linear, onde o conhecimento é tomado como algo quantificável e passível de apreensão total.

Com isso, é possível dizer que para o pensamento moderno a mediação do conhecimento e da educação através da linguagem não é visto como algo com comprovação científica ou como algo passível de ser compreendido como conhecimento verdadeiro.

A linguagem não foi debatida pelos pensadores modernos, que basicamente dedicaram-se à análise da relação entre o sujeito e o objeto, sem problematizar como se daria o processo de interação entre os sujeitos e desses sujeitos com os objetos.

Sob esse pensamento, voltado ao racionalismo dualista entre teoria e prática, permanecem até os tempos atuais as marcas desse período no sistema educacional. Evidências que vão desde a disciplinarização do ensino, que é fragmentado e separado em partes, ao pensamento de linearização dos processos de ensino e de aprendizagem, na qual desconsidera muitas vezes os processos que estão envolvidos nas relações inerentes a apreensão do conhecimento pelos sujeitos sociais.

Conclui-se que o conhecimento verdadeiro na modernidade nem de longe foca na mediação pela linguagem, mas sim, por um método de análise rígido e bem estruturado, a matemática. Com isso,

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

a própria educação se torna mecanicista, pois o ensino está regrado por concepções fechadas em disciplinas incomunicáveis.

Palavras-chave: paradigmas; fragmentação; sujeito; objeto.

Keywords: Paradigms; fragmentation; subject; object.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, J. P. **Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas**. Ijuí: UNIJUI, p. 57-68, 1997.

_____; DELLAFAVERA, J. S. Educação e Linguagem: novas percepções com base na pragmática. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 49, p. 727-744, 2016.

FENSTERSEIFER, P. E. **A educação física na crise da modernidade**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2001.

MARQUES, M. O. **Conhecimento e Modernidade em Reconstrução**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1993.

_____. Os paradigmas da educação. **Revista bras. Estudos Pedagógicos**, v.73, n 175, 547-564, 1994.